

PE-011 - PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS INTERNAÇÕES POR MALFORMAÇÕES CONGÊNITAS DO APARELHO CIRCULATORIO NO BRASIL NOS ÚLTIMOS 10 ANOS

Maria Michelle Ferreira Rodrigues¹, Pietra de Matos Freitas¹, Nicolly Ascenço², Giorgia Labatut¹, Katarina Bender Boteselle¹, Lia Caroline Araújo Robaina¹, Manuela Trindade da Silva¹, Leticia Oliveira de Menezes¹

1. Universidade Católica de Pelotas (UCPEL), 2. Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

Introdução: As malformações congênitas correspondem à segunda causa de mortalidade infantil, correspondendo a 11,2% do total das mortes. Dentre estas, destaca-se, ainda, que as relacionadas ao aparelho circulatório respondem por 39,4% de todas as mortes infantis por malformações. **Objetivos:** Analisar a frequência e o perfil epidemiológico das internações por malformações congênitas do aparelho circulatório na população brasileira no período de 2014 a 2023. **Metodologia:** Estudo quantitativo, transversal, que analisou dados sobre o perfil epidemiológico das internações por malformações congênitas do aparelho circulatório no Brasil, com informações obtidas através do Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde (SIH/SUS), com dados extraídos e tabulados através do TABNET do Ministério da Saúde, no período de janeiro de 2014 a dezembro de 2023, utilizando a Classificação Internacional de Doenças - malformações congênitas do aparelho circulatório (CID 10 - Q28). As variáveis analisadas foram - caráter do atendimento -, região do Brasil -, faixa etária -, sexo -, cor - e - mortalidade -. **Resultados:** Foram 167.902 internações por malformações congênitas do aparelho circulatório no Brasil nos últimos 10 anos. Destas, 59,5% foram em caráter de atendimento de urgência e cerca de 40,5% em caráter eletivo. As maiores incidências foram nas regiões Sudeste, Nordeste e Sul com 72.282, 43.098, 29.590 internações, respectivamente. As faixas etárias mais acometidas foram de menores de 1 ano, com 75.085 hospitalizações, e a de 1 a 4 anos, com 28.344, correspondendo, juntas, a cerca de 61,6% do total. O sexo feminino figurou como predominante com 85.002 internações. A principal cor/raça acometida foi a branca com 62.623 hospitalizações, correspondendo a 37,29% do total. A taxa de mortalidade foi de 6,81% com 11.434 evoluções para óbito no período estudado. **Conclusão:** Ao analisar o perfil epidemiológico dos hospitalizados por malformações congênitas do aparelho circulatório, pode-se inferir que, no período analisado, ocorreu predominância do sexo feminino e da cor branca, ocorrendo principalmente em pacientes menores de um ano. Além disso, notou-se que essas malformações apresentam expressiva taxa de mortalidade e, portanto, torna-se fundamental a adoção de medidas de prevenção e a realização de tratamento adequado, repercutindo, portanto, em um maior tempo de internação e em maiores custos ao sistema de saúde.

PE-012 - A PANDEMIA MUDOU O TRAUMA PEDIÁTRICO?

Luciana Barcellos^{1,2}, Julia Vieira², Ana Paula Silva^{1,2}, Fernanda Rubin^{2,3}, Geniara Conrado^{2,3}, Lucinara Enéas^{1,2}, Débora Gava^{2,3}, Luciane Cunha²

1. Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA), 2. Hospital de Pronto Socorro de Porto Alegre (HPS), 3. Hospital Moinhos de Vento (HMV).

Introdução: Lesões decorrentes de acidentes e violências são a 3ª causa de morte entre crianças até 9 anos, com grande morbidade, principalmente entre pacientes queimados. A pandemia impactou a forma de vida familiar e seus hábitos. **Objetivos:** Descrever o perfil epidemiológico de crianças internadas em UTI em Centro de referência de trauma nível I nos períodos pré-pandemia, pandemia e pós-pandemia. **Metodologia:** Estudo prospectivo dos pacientes internados por trauma no período entre março de 2018 a janeiro de 2024. Estes foram divididos em três grupos nos períodos pré-pandemia (março 2018 a fevereiro 2020), pandemia (março 2020 a fevereiro 2022) e pós-pandemia (março 2022 a janeiro 2024). Foram avaliados a idade, sexo, turno ocorrido, atendimento inicial, local e cidade do acidente, mecanismo e tipo de trauma, escores de gravidade, tempo de internação de UTI e hospitalar, e mortalidade. Realizados testes estatísticos por meio do SPSS versão 25 e consideradas estatisticamente significantes as comparações com valor de $p < 0,05$. **Resultados:** Apesar do isolamento social não houve diferença significativa no número de pacientes atendidos entre os períodos (439/428/389), com prevalência no sexo masculino. Os acidentes ocorreram com menos frequência em casa de familiares/amigos e escola nos períodos durante e pós-pandemia em relação ao período pré-pandemia. Ocorreram com mais frequência choques elétricos no período durante e pós-pandemia. Atropelamentos ocorreram com menos frequência no período durante a pandemia (13% x 10,7% x 15,2%), porém sem significância estatística. Queimaduras em geral ocorreram com mais frequência no período durante e pós-pandemia (28,7% x 36% x 35,7%), embora sem significância estatística, mas mantendo um padrão mais elevado que no grupo pré-pandemia. Não houve diferença na mediana no PIM2 e ETP dos períodos, nem quanto à mortalidade. **Conclusão:** Embora a pandemia tenha um efeito sobre hábitos familiares, deixando-as mais reclusas, não houve impacto significativo sobre a epidemiologia do trauma pediátrico. Reforçando que a maioria dos traumas pediátricos são domiciliares e é neste ambiente que devemos, como pediatras, intensificar a prevenção. Quanto às queimaduras em geral, se observou um aumento no grupo pandemia e pós pandemia que embora não estatisticamente significativo, teve impacto nos serviços de saúde.